

a Terra Livre

Grupo PROJEÇÃO
São Paulo - Brasil

Periodico anarquista

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE

ANNO II — NÚMERO 32

ENDEREÇO: RUA MARIA DOMITILLA, 88 — SÃO PAULO (BRASIL)

1º de Maio de 1907

PRIMEIRO DE MAIO

Quem vem lá?... Quem os misterios
rasga da noite e o pavor?...
Quem faz caixões aos Imperios,
com taboas de Fome e Dôr?
Que enorme exercito inteiro
se aproxima, e que rumor!
Quem é o tórvo carpinteiro?...
Quem é o tórvo rachador?...

Hurrah! hurrah! — volvem mil ecos.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

Quem, chorando, fia, fia...
magros filhos em redor,
a toalha para a Orgia,
o lengol ao Imperador?...
Quem seus filhos nus enterra,
mortos sem pão, cavador?
Quem melhor reza na terra
a ladainha da Dôr!...

Hurrah! hurrah! — volvem mil lagrimas.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

Faz hoje annos que na França,
oh que luto de rigor!
numa lutuosa matança,
correu sangue de valor...
Este sangue ao orbe inteiro
bráda Justiça! em clamor,
Quem será o Justiceiro?...
Qual o braço vingador?...

Hurrah! hurrah! — acenam braços.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

Quem vem lá no nevoeiro,
com tão rico resplendor?...
Que estranho exercito inteiro!...
diz, com medo, o Imperador.
Quem faz turbar meus saraus?
bráda o rico mau senhor.
Quem vem subindo os degraus?...
Quem me faz mudar de côr?...

Hurrah! hurrah! — volvem mil gritos.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

GOMES LEAL.

OBRA DO ESTADO

Spantam-se e clamam contra a chus-
da de diplomados em busca de cargos
publicos. "É tolo o espanto!"

A consequencia logica da orientação
oficial do ensino é forçosamente esta.
O Estado só prepara a mocidade para
isto, ou para a militança. Ou bacha-
reis inuteis, ou militares prejudiciaes.
Exagera-se ao extremo a preocupação
de forgicar patriotas e não ha muito
que se disse que toda a mocidade bra-
sileira deveria ter educação militar e
guerreira! O interesse do individuo é
posto á margem; o interesse do Esta-
do, que não é absolutamente o da co-
lectividade, é tudo. Quer-se uniformi-
dade no modo de pensar, e não se
procura respeitar o pensamento de cada
um. Noutros tempos os padres prepa-
ravam bons e ferventes catolicos; hoje
criam-se guerreiros ou serviaes do Es-
tado.

FABIO LUZ.

(De Os Emancipados, romance.)

O ÊXUL

Estavamos no mar. O navio desli-
sava lento e silencioso sobre as ondas
encrespadas, que se quebravam sobre
os seus flancos com um movimento
rítmico e cadenciado, na calma duma
noite estrelada.

Estavamos na popa. Eu apoiava-me
num enorme novelo de calabres amon-
toados, e observava os marujos, que
vagueavam taciturnos pela ponte de-
serta. De vez em quando o silvo de
comando chamava-os ao castello, para
receberem novas ordens. E elles exe-
cutavam o que lhes era ordenado, sem
pressa, imperturbaveis e sem uma pala-
vra.

De repente ouviu-se uma voz grave
e melancolica que rompeu o silencio,
parecendo vir dos abismos do mar. Fi-
quei de ouvido a escuta e ouvi a estrofe
duma canção popular espanhola que
findava assim:

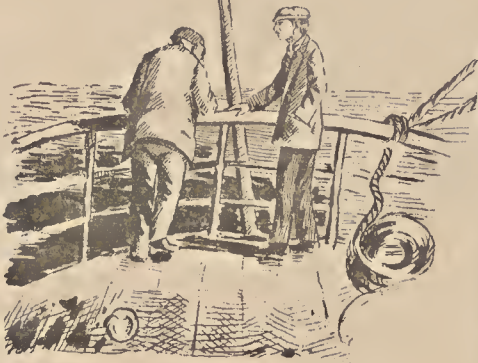
"esos infames de mañas traidoras,
á la classe obrera pretenden vencer!"

— Quem é? perguntou um dos ma-
ruios.

— E' o espanhol, o preso, que está
ali, por trás da camara do timão, can-
tarolando sôzinho!...

Estas breves palavras despertaram
em mim uma curiosidade tão intensa
que não pude deixar de ir ver quem
podia ser um preso, áquella hora e na-
quelle logar. E com effeito, apenas che-
guei atrás da camara, vi na obscurida-
de uma figura de homem com os coto-
velos encostados á amurada do navio.
Amparava a cabeça com as mãos e
fixava extático o vortice de espuma
branca que, pela acção do helice, se
agitava debaixo delle.

Avizinei-me e elle não me sentiu,
tão absorto estava em seus pensamen-
tos. Aquelle mesmo incessante cachoar,
remexer de ondas espumosas ali o
tinha pregado, como sob a pressão du-
ma força magnetica.



— Boa noite, disse eu, não sem um
certo receio e obtendo apenas uma res-
posta seca e breve.

Eu agora observava-o atentamente.
Via um homem esbelto, de face larga,
olhos redondos e penetrantes que fixa-
vam sempre o mesmo ponto como se
visse um persecutor infinito.

— Quem o disse? exclamou elle, en-
direitando-se de subito.

— Não sei; dois marinheiros, creio.

— Esta gente é louca.

Revistou o fundo dos bolsos, em bus-
ca dum cigarro, acendeu-o e murmu-
rou entre dentes:

— Quero perguntar ao comandante
se têm o direito de zombar de mim deste
modo.

— Não é então verdade? insisti eu.

— Qual! Sou simplesmente desterra-
do por ser anarquista!...

Depois dum effusivo aperto de mãos,
tratámo-nos logo por tu e passámos a
trocar confidencias. Elle contou-me co-
mo, pela segunda vez, fôra expulso du-
ma grande cidade sul-americana. Que
viagjára muito. Estivera em França, na
Suissa, Espanha, Inglaterra e nas duas
Americas, sempre combatendo em prol
da grande causa dos humildes e dos
oprimidos. Com um acento forte de in-
dignação exclamou:

— Mas como são mesquinhos, estes
homens que governam o mundo! Pre-
tendem, com estupidas perseguições,
barrar o caminho á uma ideia que de-
verá inevitavelmente triumphar. Não repa-
ram que os germes desta utopia já pe-
netraram até nos cerebros das crianças
— os homens de amanhã — as quaes,
em tempos não muito afastados, darão
ao mundo um caracter de liberdade e
de justiça. E não é tudo ainda. Esses
homens que governam, que nos escor-
raçam dum lado para o outro da terra
como cães sarrentos, esses homens não
sabem e provavelmente nunca saberão
ler no grande livro: o grande livro da
humanidade, que, pelas ineluctáveis ne-
cessidades duma nova vida, aproa a
novos horizontes...

E falando, entusiava-se, ao mes-
mo tempo que da boca e das narinas
lhe saíam densos rolos de fumo.

— Elles têm um modo especial de
considerar as coisas. Afinal é sempre
assim: quem goza na vida, não se im-
porta que os outros desfaleçam na mi-
seria... E depois vêm dizer-nos que
somos assassinos quando algum deses-
perado ergue o braço contra um rei!

Que é um rei? O expoente dum
cúmulo de miserias...

«Fêz-se tanto barulho com o caso de
Calle Mayor. Recordo que, ha tempos,
em Espanha, alguns deputados interpe-
laram o governo sobre a fome que di-
zimava os camponeses durante a cares-
tia. Expuseram tambem projectos para
pôr fim ao flagelo. Responderam-lhes
que o governo nada podia fazer para
socorrer os camponios, em vista da cri-
se financeira que o país atravessava.
Os representantes fizeram um pouco de
barulho, mas depois tudo acabou ali.
Os jornaes calavam as scenas dilace-
rantes de que eram teatro aquellas re-
giões atormentadas pela fome.

«Pouco depois de todos estes factos,
ao rei deu-lhe na cabeça casar. Então
toda essa gente que não achára modo
de lenir os tormentos dos agonizantes
de fome, andou numa roda viva para
preparar o devido acolhimento aos noi-
vos. Politicos, padres e ministros, todos
andavam atarefados com as festas ré-
gias. Foi um relampago... Em quanto
nos campos o padre benzia os mortos
de fome (que ironia!), em Madrid
alguem — um louco, dizem — quis ofe-
recer um ramo de flores aos festejados.
E' sempre assim... Não sentimos o
aproximar-se da tempestade senão pelo
relampago, que vem de vez em quando
iluminar a treva impenetravel. Estes
dois extremos, aparentemente tão opo-
stos, têm entre si relações mais estreitas
do que o que se pensa...»

Começára de novo a fixar, mudo e
extático, a faixa branca que atrás de
nós deixavamos. Os seus olhos redon-
dos e enormes como os de um falcão
scintilavam na obscuridade. Manee-
ramos muito tempo silenciosos. Elle
pareceu perturbado por alguma in-
dagação triste. Os labios contraíam-se-lhe
um pouco para baixo como numa ex-
pressão de dor. Acendeu outro cigarro
e proseguiu em voz mais lassa:

— Uma vez — estava ella ainda no
mundo e a vida tinha ainda algum mo-
mento de alívio — andava eu sem tra-
balho e havia, quasi dois dias que não
comia. Na vespera de manhã molhára
um pão numa tigela de leite, e pusera-
me depois a girar em busca de tra-
balho sem achar nada. Não tinha volta-
do de noite para casa. Por ella nada
receava, porque dizia que a vizinha, sa-
bedora da nossa situação, lhe dava um
prato de sopa a todas as refeições...
Não sei como foi, mas pelas quatro da
tarde achei-me na larga avenida que
conduz ao jardim zoologico. Embora
estivesse sem comer havia muito tem-
po, não me sentia muito mal. Só um pou-
co fraco, e de vez em quando um lam-
pejo de fogo subia-me á cabeça e as
pernas me tremiam. Os objectos tinham
toniado uma cor azulada, e tinham pro-
porções enormes. Parecia-me nunca ter
olhado assim... Eu olhava para as
carruagens que percorriam a avenida
em sentido oposto. Automoveis negros
como comboios mortuorios passavam
diante de mim ligeiros como setas e
perdiam-se logo ao longe... Distraído
por este vaivem incessante, quasi me
esquecera a mim proprio. De repente
as fontes martelaram-me com mais ve-
emencia, os palacios pareceram-me de-
sabar, bati contra alguma coisa e pro-
curei por isso apoio: era uma árvore.
Em quanto estava assim de pé, sentia
um suor frio que me inundava a fronte
e um leve zumbido dentro dos ouvidos.
O sol parecia-me uma enorme bola de
fogo pousada sobre a minha cabeça,
tal era o calor que sentia... Dei alguns
passos cambaleando, e sentei-me num
banco dominado por uma arvore um-
brosa. Depois de me sentar, sentia-me
melhor...

«Contemplava aquella immensa cor-
rente de desherdados e gozadores que
passavam sorrindo nos coches... Re-
cedo vagamente que reflectia se pode-
riam attribuir-se responsabilidades áquel-
le mundo de felizes: e pensava que
sim, com dúvida, pois que, se aquella

gente que gastára energia e tempo en-
focando-se, tivesse empregado os seus
esforços num trabalho util, suavizaria
as minhas penas e as de tantos outros.
Em vez disso, eram aquellos por quem
me afadigára tanto e que me tinham
roubado tantas vezes o repouso, negan-
do-me agora o pão, que, passando-me
na frente com um sorriso zombeteiro,
escarneciam e desprezavam a miseria.

«Tomo este assunto para fazer uma
crítica geral. Sei que os economistas
modernos demonstraram matematica-
mente que, trabalhando todos os homens,
bastariam três horas de trabalho quo-
tidiano para prover ás necessidades da
vida. Eu sempre trabalhára dez, onze,
e até doze horas por dia... Trabalhára
por quatro. Eis a causa directa das
minhas penas, pensei. i

«Não sei se por efeto da febre, ou
se por atavismo, naquelle instante uma
ideia terrivelmente grande me perpassou
na mente, acelerando as pulsações que
me martelavam as fontes: pensava em
numeros; via um cadinho num recanto
de aposento, um grande termometro de-
pendurado na parede; estilhaços de vi-
dro finissimos e frageis; gente que iulu-
lava e fugia e muitas outras coisas que
não me lembram. Todos estas co-
sas em que nunca pensára até então, vi
agora confusa e indistintamente. En-
desprender-me desta obsessão, não gra-
do os meus debeis esforços. Parecia-me
que todos saíam da minha vida. Não
ter eu comido havia dois dias, e que
nunca vira os outros tão fatisados.

«O vaivem continuava mais intenso
e ensurdecedor. Creio que era já noite,
porque via ao longe dois olhos de fogo
que avançavam a toda velocidade. Os
dois olhos, que pareciam que-
rerem penetrar no meu coração, eram
movel escuro, com uma mancha sentada
á frente como um cachorrinho manso
e fiel...

«Quantas miserias! pensei ainda...
E pareceu-me cair num estado de so-
nolencia. Já não tinha vontade. Era um
pedaço de carne inerte, cujos olhos viam
apenas mais sombras. De subito, ador-
mecí com um sono profundo e penoso.

«Quando despertei, estava em casa
dum amigo, que me disse que eu fôra
encontrado sem sentidos sobre um ban-
co. Depois de ter tomado um pouco
de caldo para reaver as forças, com-
preendi que o estomago vazio e as in-
justiças sociaes podem levar-nos á lou-
cura, fazendo-nos entrever grandes co-
isas, embora em tal estado de letargia
não se tenha a força nem a vontade
de as executar!... Urge trabalhar, tra-
balhar sempre, para preparar o futuro!»

Calou-se, e após um momento reto-
mou a sua canção grave e melancolica:

«... cuando el sol refulgente de la nueva aurora
habrá triunfado en la humanidad...»

que se perdeu no ar daquella noite es-
trelada como uma ameaça para o pre-
sente e uma promessa para o futuro.
O navio deslisava sempre lento e silen-
cioso sobre as ondas encrespadas, que
se quebravam nos seus flancos com mo-
vimento rítmico e cadenciado...

ATEO D'ALBA.

S. Paulo, março de 1907.

O QUE MATA O PATRIOTISMO

Muitos bons patriotas clamam contra as ideias
dissolventes do tão util e sacrosanto patriotismo
mas a verdade é que a derrocada desse famoso
sentimento é muito mais activamente preparada
pelos que defendem, com as armas e com os so-
fismas, a organização social presente, na qual não
ha patria, de facto, para a immensa maioria, de
que pelos proprios revolucionarios.

Arranca-se violentamente o homem á terra, e
pretende-se que elle a defenda — contra os com-
petidores do amo que o explora!

O patriotismo significa verdadeiramente o amor
á terra? Pois bem: tenha o homem essa terra,
com a possibilidade de a fazer frutificar, com os
meios de a tornar generosamente fecunda, sem
obstaculos de competencia e de parasitismo. O
amor, sem objecto, não pôde existir...

Ouro e miseria

De uma recente estatística resulta que a produção mundial do ouro elevou-se em 1904 a 90.183.152 esterlinas contra 65.313.385 em 1903; uma diferença de 4.869.791 para mais.

Este aumento deve-se principalmente ao aumento de produção do Transvaal e ao desenvolvimento das minas dos Estados Unidos. A maior produção é dada á Austrália com 17.352.746 esterlinas.

Em quanto se faz um enorme esforço para uma grande produção de utilidade secundaria a produção essencial, de primeira necessidade, é embaraçada pela organização capitalista da sociedade.

Isto é: não se produz em abundancia o que é indispensavel á vida porque tal não convem ao capital, que ganha com a carestia e só atende á especulação, á venda, ao preço e não ás necessidades da população.

Quando a concorrência faz produzir mais do que aquillo que póde ser *comprado* pela população, sob o jugo do salariato, vem a chamada *crise*, e restabelece um *equilibrio*, feito de dores e de morte.

Faltam os meios de produção, materia prima e instrumentos? Não. As riquezas naturaes e os progressos do maquinismo são enormes; mas a organização social impede que todas as forças sejam aproveitadas e exploradas. O regime capitalista é estreito demais para as necessidades da produção.

Um dos seus efeitos é precisamente despedir grandes forças na produção de objectos mediocres, secundarios, ou perfeitamente inuteis, se não nocivos, na defesa de privilegios, para contentar revoltados e oprimidos, para satisfazer caprichos de ricos ociosos.

Assim em quanto se produz todo aquelle ouro, a miseria, a falta do indispensavel cresce espantosamente. Na Inglaterra, país de rica industria, houve incremento, de 1902 para 1903, no pauperismo, na vagabundagem, na desocupação e outros phenomenos analagos ou submetidos a estes.

Não só é impedida a produção: o produzido é destruido — quando um capitalista, uma companhia, um trust varre um mercado, organiza um monopolio ou queima parte dos produtos para elevar os preços!...

Só a revolução social, e não a propaganda do livre pensamento, poderá matar a religião no povo. A propaganda do livre pensamento é certamente muito util; é indispensavel, como meio excellente para converter os individuos já progredidos; mas não fará brecha no povo, não sendo a religião unicamente uma aberração, um transvio do pensamento, mas também e especialmente um protesto da natureza, viva, poderosa, das massas, contra as estreitezas e as misérias da vida real. O pobre vai á igreja como vai á taverna, para aturdir-se, para esquecer-se da sua miseria, para imaginar-se, ao menos por alguns instantes, igual, livre, e feliz como todos os outros. Dai-lhe uma existencia humana, e não voltará á taverna nem á igreja.

Pois bem: esta existencia humana só a revolução social lh'a poderá e deverá dar.

MIGUEL BACUNINE.

O SOCIALISMO e a pequena burguesia

Os proletarios conscientes da sua situação sabem que não podem emancipar-se nem melhorar de modo serio e permanente as suas condições a não ser apossando-se da materia prima e dos instrumentos de produção detidos hoje pela classe proprietaria; sabem que esta classe jamais renunciará voluntariamente aos seus privilegios; sabem que as instituições existentes são solidarias entre si e é impossivel modifica-las de modo eficaz sem sair da legalidade constituida para defesa dessas instituições e destrui-las todas — e por isso são revolucionarios. E os proletarios, que ainda não têm consciencia dos seus direitos e necessidades, fazem-se revolucionarios apenas se dissipam as trevas da sua mente.

Mas ha outra classe, sempre mais ou menos descontente, que ás vezes sofre tanto como os proletarios e até mais. É a pequena burguesia, a classe dos pequenos proprietarios, dos pequenos comerciantes, dos empregados, dos profesionistas pouco felizes, dos lojistas, de todos os que, embora tendo uma vida apertada, gozam certos privilegios e esperam melhorar a sua posição e talvez enriquecer, tirando proveito das vantagens que no proletariado lhes dá a presente constituição social.

Esta classe é descontente, deseja reformas e póde, ao contrario do proletariado, tirar vantagens reaes de reformas obtidas por via legislativa; ás vezes, se o governo é muito fiscal e favorece muito os interesses da grossa burguesia, revolta-se contra o governo e mostra-se disposta a apoiar os revolucionarios... se estes lhe garantirem que no fundo só querem revolucionar o que incomoda essa pequena burguesia. Pois que os pequenos burgueses, por medo de perder os seus miseraveis privilegios, pela esperança de trepar á classe de grossos burgueses, e pelos prejuizos de educação que lhes inspiram o desprezo do trabalhador, são dedicados á propriedade individual e tornam-se ferozes reaccionarios sempre que se põi em questão o direito de propriedade.

Diante destes pequenos burgueses, a conduta que devem seguir os socialistas revolucionarios é simples e clara: fazer-lhes propaganda, procurar fazer-lhes comprehender que deveriam fazer causa comum com o proletariado, não só por motivos de justiça e pelo bem geral e permanente da humanidade, mas também no seu proprio interesse bem entendido, e depois trata-los como amigos ou inimigos, conforme são pró ou contra os trabalhadores.

Mas as relações entre socialistas e pequena burguesia mudam completamente apenas os socialistas accitam a tactica eleitoral.

A pequena burguesia representa uma grande força eleitoral; é mesmo a unica força que se póde opôr no terreno do sufragio e da legalidade á omnipotencia do governo e dos ricos. Os proletarios, ou não têm voto, ou, ainda que o tenham, são incapazes, pelas condições materiaes e moraes em que se encontram, de fazer séria opposição legal, quando os pequenos burgueses estão com o governo e com os grossos proprietarios.

Os socialistas parlamentares sabem, vêem, experimentam este facto, e procuram a aliança da pequena burguesia; e para obtê-la atenuam, escondem o seu programa e acabam por esquecê-lo, tornando-se simples democratas, representantes, na pratica, dos interesses pequeno-burgueses. E a pequena burguesia aceita este socialismo, revisto e correcto para seu uso, e usurpa o nome de socialista, matando com a sua adesão o verdadeiro socialismo, o socialismo operario.

HENRIQUE MALATESTA.

Quem são os violentos?

A violencia não é operaria. O operario é em geral passivo, demasiadamente passivo, demasiadamente resignado. As revoltas são raras, ao passo que a violencia é organizada pelos seus amos, violencia policial, violencia armada, violencia «civilizadora», violencia entre Estados que querem decidir os seus conflictos; violencia no Estado contra os fracos, violencias preparadas nos quartéis e em outras partes.

(Da «Carta aberta ao Conselho de Estado» pela Federação operaria de Genebra).

Dizia-me um velho parlamentar: «Tive que sacrificar muitissimas vezes a minha ideia, afim de garantir o triunfo da minha opinião».

JOUFFROY.

Só quando é senhor de si mesmo é que um homem póde ser verdadeiramente moral.

ELISEU RECLUS.

Se fores acusado duma falta que os teus juizes tenham podido cometer, és um homem perdido.

CHAMFORT.

Trabalhai!...

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho é virtude, é riqueza, é vigor, é entre a orquestra da serra e do malho, brotam vidas, cidades, amor.

CASTILHO.

Assim canta o poeta, no seu himno ao trabalho. Mas, ai de nós! o poeta parece não ser deste mundo, porque o trabalho que elle aconselha aos «seus irmãos»... não existe. A produção capitalista matou-o, como matou a familia, a pequena propriedade, o pequeno industrial e outras coisas.

Final, o verdadeiro trabalho, o trabalho livre, nunca existiu por completo; o escravo, o servo, o mesteiral e o proletario não foram nem são trabalhadores mas bestas de carga. O trabalhador voluntario, livre, consciente, como regra geral, ainda deve ser criado.

A natureza não é uma deusa que ofereça aos homens o bem-estar e a vida, sem lhes exigir esforço. O trabalho é, pois, a fonte necessaria e benefica da felicidade humana, da riqueza e do progresso social. Sem elle, como poderia subsistir a sociedade humana? Sem elle como poderia viver o homem?

Mas a verdade é que, se não a sociedade, homens ha que podem viver sem elle!...

Parece isto absurdo, não é verdade? Porque, á primeira vista, pareceria que o trabalho devia ser uma necessidade inelutavel para o individuo:

a) necessidade fisiologica de exercicio: sob pena de atrofia e de morte, os organs devem ser exercitados: as forças acumuladas devem ser gastas;

b) necessidade fisiologica da reparação de forças: os frutos do trabalho servem para manter a vida (sem esta característica essencial — a sua utilidade produtiva, ha mero exercicio);

c) necessidade moral: o trabalho, necessario fisiologicamente, torna-se um habito moral: o ocioso deve ser considerado como um doente fisico e moralmente.

Mas, repitamos, muitos são os individuos que podem eximir-se a essa necessidade: gastam as suas forças, mas num simples exercicio, um sport, desde as viagens ao foot-ball, quando não as gastam em trabalhos com aspecto de pretendida utilidade social ou em fazer mal aos semelhantes; e reparam-nas com o fruto do trabalho... dos outros.

Quanto á moral... vêde como elles a proclamam e ensinam nos coros das escolas, em quanto se divertem e jogam: «Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho é virtude, é riqueza, é vigor» para nós...

Elles já estão cheios de virtudes: para elles, a ociosidade (um vicio) é uma recompensa, um bem; para os outros é um crime, punido com os rigores da lei ou de qualquer Acre. Eis a moral.

O trabalho perde então o seu caracter de necessidade individual, embora conserve o de necessidade social. A sociedade, essa vive delle, mas pesando terrivelmente sobre uma grande massa de seres humanos. Mais uma vez se mostra que, hoje, a sociedade parece não ser feita de individuos, não ter por fim o bem-estar individual. Indivíduo e sociedade estão em desacordo; é o desequilibrio. Ha uma parte da humanidade que dispõe dos frutos do trabalho, e outra que lhe supporta o peso; e ha uma moral que varia segundo as condições sociaes, segundo as classes.

E é realmente trabalho, esse fardo que pesa sobre a maioria dos homens?

Não, porque não ha equilibrio. Para que o trabalho satisfaça a necessidade de exercicio, é preciso que não seja excessivo, que não produza fadiga. Se o trabalho é para dar vida, não póde principiar por contradizer o seu fim, por arruinar essa vida. A fadiga deixa irreparavel o

que o fruto do labor deveria reparar.

E' porventura trabalho — exercicio salutar, equilibrado e produtivo — essa fadiga bestial, continuada, monotona, forçada da fabrica, do campo e da mina? essa fadiga que embrutece e aniquila, leva ao alcoolismo e á tuberculose? Será virtude: a virtude passiva da resignação que leva á renuncia e á morte; será riqueza — para os que o regulam e exploram: mas não é vigor. E' ruina.

E depois é voluntario, escolhido, conforme as aptidões? Só a pergunta faz sorrir. O modo de produção actual faz do trabalhador uma simples peça de máquina, inintelligente e sem vontade. Arte... não falemos nisso. E' preciso trabalhar segundo as ordens do patrão, as exigencias do mercado pobre, o tipo comum, barato, uniforme. E feliz aquelle que encontra onde ir vegetando desgostadamente, seja como for. Porque, apesar do seu caracter de excessiva e embrutecedora fadiga, quantos buscam trabalho e não o acham!

E' um facto deveras extraordinario! A desocupação cresce por todo esse mundo, nuns pontos mais do que noutros. Não ha trabalhador que não esteja desocupado durante algum tempo. Cada dia, é consideravel o numero dos que procuram trabalho; e quando uns se empregam outros desempregam-se.

Mas como! Não poderiam esses desocupados ir aliviar os que se cansam em rude labuta?! Não ha tantas terras para arrotear ou cultivadas? Não ha tanta madeira, ferro, pedra, barro e cal? Não ha tanta maquina inactiva? De que modo se aproveita tudo isso? Porque não se aligeira o trabalho? Porque não se produz para todos? Como explicar a desocupação, as crises de produção e a penuria? Parece uma loucura: é uma verdade!

Não dá trabalho a todos: não se produz em abundancia; não se põem em acção todas as forças produtivas, porque isso iria prejudicar os senhores capitalistas.

Porque se produz por conta de alguns e para seu ganho. Porque se trabalha para enriquecer uma minoria, para vender, e não para todos consumirem, em vista das necessidades de todos. Porque os instrumentos de trabalho, a terra, os meios de produção, a riqueza social, tudo é monopolizado por uma minoria que regula a produção em seu proveito, detendo-a quando ella prejudica a venda, e até destruindo parte dos produtos para encarecer a outra parte: assim fizeram os industriaes do algodão nos Estados Unidos, assim fizeram vinhateiros em França, imitados por um trust de criação de ostras, e assim se lembrou quanto ao café no Brasil.

Emfim, isso succede, porque o produtor não póde consumir: o seu salario só lhe permite adquirir uma parte pequena do que elle produziu e que passou pelas mãos de mil intermediarios.

E' necessario socializar os meios de produção, isto é, colocá-los nas mãos dos produtores, que regularão a produção em vantagem e por conta de todos.

Então os trabalhadores terão interesse e meios de tornar o trabalho leve e agradável. O trabalho dará vigor ao individuo, riqueza para todos, e será uma virtude activa, fonte de progresso, de bem-estar e alegria. Será ao mesmo tempo necessidade fisiologica, social e moral. O parasita ou ocioso será um doente ou um inimigo, um ser digno de piedade ou de desprezo. O melhor sport será o trabalho util.

O socialismo libertará o trabalho: e em quanto hoje o himno que lhe entoia o poeta é uma ironia ou uma traição, então verdadeiramente, d'entre a orquestra da serra e do malho, brotarão, se não cidades — essas aglomerações insalubres criadas pela produção capitalista — sem duvida vida e amor.

A MORTE

(A Afonso José)

A morte é o unico poder. Nada lhe resiste, tudo vence. Reis, imperadores, presidentes e ministros; papas, cardeais e monsenhores; bispos e arcebispos; tudo e todos temos fatalmente que morrer.

Seja Alexandre, Tiberio ou Nero; Tsar ou Kaiser; rei absoluto ou constitucional: os «chefes» não são nada, nada podem no que se chama — morte.

Ah, Morte! Morte!

Quanta satisfação sinto quando derubas um entronado com sceptro e tudo, um cardinalicio ou um orgulhoso presidente. Quanta!

Mas ao pensar que não respeitas ninguém e que tanto ceifas um poderoso (?) como um humilde proletario, que é o sustentaculo da esposa e dos filhos, oh! quanta raiva e quanto odio então me inspiras, Morte!

Um destes domingos, ia pela Avenida todo entregue a reflexões sobre as coisas deste mundo, e dando largas á minha imaginação, quando repentinamente, como uma sombra fantastica, passa uma mulher correndo desesperadamente: «Ai, Jesus! Ai, Jesus!»

Acompanhavam-na três criancinhas que vendo a mãe chorar choravam também.

Era comovente.

Segui a mulher afim de saber o que acontecera e deparou-se-me então um quadro emocionante e horrivel.

Um homem estendido ao longo do passeio, todo ensanguentado e vestindo andrógamo, tendo o craneo á mostra, rodeado muita gente. Tinha caído abaixo de um poste electrico e morrêra.

— dizia um

— sofre mais, acrescentava outro.

Mas o homem lá estava, victima dum maldito trabalho.

E a pobre e infeliz mulher, que eu antes vira passar por mim, lá estava, indiferente a todos os comentários, chorando «seu homem».

— seu marido, era que se esten-
tava, e aos seus filhos; e agora que havia de ser della e daquellas três criancinhas!

E por entre o rumor da multidão, ouvia-se de vez em quando os gritos aflictivos da mulher:

«Ai, Jesus! Ai, Jesus! Valha-me Deus! Que será de mim agora?»

E então passaram pela minha mente os palacios portentosos, o luxo extravagante dos endinheirados, as mentiras dos códigos, os crimes das leis e tudo quanto ha de convencional e mentiroso neste mundo todo cheio de enganos e ilusões.

A alegria dos ricos á custa da tristeza dos pobres, o sofrimento dos trabalhadores e a ociosidade dos capitalistas; tudo passou por minha imaginação como um turbilhão fantastico.

E pensei: para quê, essa luta entre seres da mesma especie, quando a vida é um instante; essas guerras de nação p'ra nação, de povo contra povo e até de individuo para individuo? O mundo não poderia ser um paraíso real, se os homens se amassem uns aos outros, em vez de se odiarem?

Para quê essa exploração do homem pelo homem e porque não tem fim, visto esta vida ser uma ilusão?

Sempre a perspectiva sombria do dia de amanhã, sempre esta existencia cheia de preocupações e receios!

E uma vontade louca de tudo destruir e de acabar com tudo perpassou pela minha imaginação.

Aquella infeliz mulher agora ao desamparo pela perda do marido, tinha aquellas três criancinhas que querendo abraçar o pai e ignorando todas as amargas realidades do mundo, perguntavam: «Morrê papai?»

— Ha de ser o que Deus quiser, sentenciou um.

— Decerto, Deus sabe o que faz, disse outro.

Não posso conter-me: Então esse Deus é assassino; Deus matou esse homem quando trabalhava para sustentar a mulher e filhos; Deus é mais — é um monstro! E' um tirano cruel.

É esse Deus que chamais todo bondade e amor, ó catholicos, protestantes

e espiritas, que assassina assim covardemente e se esconde para que ninguém o veja e lhe faça o mesmo?

Pois eu, senhores crentes, com a mão na consciencia e de todo o meu coração maldigo esse Deus infame e toda a sua côrte celestial.

Abaixo!

M. FERNANDES CASAL.

Santos, abril — 907.

Fabulas e parábolas

A ORIGEM DA PROPRIEDADE

Um dia, um vagabundo corria por um bosque pertencente ao duque de Norfolk. Por acaso, o duque encontra-o e diz-lhe:

— *Você sabe que anda a passear nas minhas terras?*

— *Nas suas terras? diz o vagabundo. Bom, mas como eu não possuo terras pessoalmente, não tenho remédio senão passear nas dos outros. Mas, a propósito, onde obteve o sr. estas terras?*

— *Vem-me dos meus antepassados, disse o duque.*

— *E elles onde as arranjaram? repliou o vagabundo.*

— *Herdaram-nas dos seus antepassados.*

— *E onde as obtiveram esses antepassados?*

— *Bateram-se por ellas.*

— *Venha dahi então, exclama o vagabundo com bravura, tirando o casaco; também me quero bater com o sr. por estas terras.*

Mas o duque, retirando-se apressadamente, não aceitou esta bella proposta...

UPTON SINCLAIR.

COMO SE ESCRVE A HISTÓRIA

Conta Harduin no *Matin*:

«Em todas as escolas russas está em uso um manual de historia, de que é autor o sabio professor Howejski. Eis a tradução textual dum trecho desse manual:

«Luís XVI foi um rei pacifico e bom. Depois dum longo e glorioso reinado, durante o qual foi particularmente feliz na escolha dos seus ministros, morreu tranquilamente em Paris, amado do seu povo, victima de uma hemorragia.

O successor de Luís XVI foi seu filho Luís XVII, em cujo reinado o bravo exército real, comandado pelo feld-marchal real, general Napoleão Bonaparte, conquistou para a coroa francesa, a maior parte do continente europeu.

Mas como o infiel Napoleão mostrasse veleidades de abusar do seu poder e de proseguir nas ideias ambiciosas, dirigidas contra o governo legitimo, foi, com o concurso de sua majestade o imperador, autocrata de todas as Russias, Alexandre Paulovitch, destituído, privado de todas as suas dignidades, titulos e direitos á pensão e enviado para a Ilha de Santa Helena, onde acabou os seus dias.»

No genero, é perfeito.

A reforma legal é sempre nociva

A propria «legalização» parlamentar, a consagração legal das reformas «conquistadas pela acção directa», essa mesma nos parece de pessimo efeito. Porque mau é crer que o que está consagrado, legalizado, não póde ser retomado; isso é mau por induzir a depôr as armas, lutar sempre, tanto para conservar como para conquistar.

O nosso antiparlamentarismo quer muito mais do que a depreciação sistematica dos eleitos e da obra legislativa. Da obra legislativa sobretudo: esta está por certo longe de ser brilhante, mas enfim poderia sê-lo mais, particularmente nos países democraticos onde o povo, em summa, tomando parte no poder, poderia ter maior quinhão das vantagens que delle resultam. Para nós, o vicio redibitorio do parlamentarismo não é o ser absolutamente impotente, é que a sua capacidade reformadora, ao mesmo tempo que é de extensão limitada, exerce sobre o espirito dos povos uma influencia nefasta.

O modo de dar vale mais que o que se dá. Poderia dizer-se também que em qualquer reforma o que verdadeiramente importa não é tanto a reforma em si como a maneira pela qual foi obtida: entre um melhoramento conquistado em

viva luta e o mesmo melhoramento outorgado pela autoridade, não ha equivalencia: só o primeiro é bom, porque fere a omnipotencia dos amos e indica um desinvolvimento da força e da consciencia populares.

O nosso antiparlamentarismo é de natureza bem mais elevada que o que imaginam superficiaes detractores: nega, mas afirma também; destrói, mas pretende crear, fazer obra positiva. Quer sobretudo restaurar, nessas massas desmoralizadas pela vossa politica do *lucro sempre e em toda a parte*, a preocupação constante do ideal, quer reavivar e manter nellas o sentimento da sua força e o amor á luta que é uma afirmação de energia, quer deshabitua-las da autoridade para lhes ensinar a pensar, a querer, a agir por si proprias, a adquirir a força intelectual e moral que faz as revoluções.

Eis a significação altissima, a razão de ser do nosso antiparlamentarismo.

AMADEU DUNOIS.

Sobre a pena de morte

No Chile foi fuzilado Emilio Dubois, acusado de um assassinato, crime que elle negou até á última hora.

Eis as suas ultimas palavras, proferidas em frente da escolta:

«Tenho que falar-vos, camaradas. Tenho que vos dizer que morro innocente.

O primeiro culpado da minha morte é o juiz Santa Cruz, que alterou todas as minhas declarações, adulterando os factos, apresentando como por mim ditas coisas que jamais eu disse.

Assim me condenaram, sem provas, por crimes que nunca cometi. Isto digo-o do fundo do coração e o confirmo o voto dado pelo juiz Moreno na sentença. *Era necessario um homem a quem se responsabilizasse por crimes cometidos; esse homem fui eu!*

Morro innocente! Jamais pratiquei crime algum. Alguem os cometeu, mas não fui eu!»

E por fim, teve esta frase, gritando: «Executai-me! Antes, porém, deixai que a minha última palavra, o meu último pensamento se elevem para minha mulher e meu filho»

Que terrivel documento contra a pena de morte, contra o proprio direito de julgar, contra a função do juiz — que é procurar a todo custo alguem a quem responsabilizar por um crime!

E os juizes dormem tranquilos!

O fado da mulher perdida

Tu não repares que eu cante
tendo razões de chorar.
Uns cantam por alegria,
— eu canto para espalhar...

Casaste ha dias com outra!
Não importa. Estou vingada...
— Ella póde ter dinheiro,
mas também não tem mais nada...

Por amor me seduziste,
e abandonas-me em seguida.
Mas se me levas a honra,
porque me deixas a vida?

Minha mãe disse-me um dia
(quis deixar-me aconselhada):
«antes pobre mas honesta,
do que rica e desgraçada.»

Recordo aquellas palavras;
— se soubesses, minha mãe! —
pobrezinha, inda sou hoje,
mas desgraçada também.

D'antes todos me estimavam,
todos me tinham respeito!
e não havia no mundo
quem me pusesse um defeito.

Choviam bençãos e palmas
onde quer que me encontrasse...
As mães que tinham crianças
gostavam que eu lh'as beijasse.

Ai, tempos, tempos passados
na alegria de viver!
Bilhetinhos perfumados
que eu devolvia sem ler!...

Mas, um dia, fiquei presa
das tuas falas galantes!
e, por minha triste sorte,
já não sou o que era d'antes!

Vendo-me. Arrasto a existencia
entre misérias e lodos:
não sou deste, nem daquelle,
não sou tua — sou de todos!

Agora, sempre que passo
no meio das multidões,
as mulheres falam baixinho,
e os homens dão-me encontros!

LADISLAU PATRICIO.

Quem paga o imposto?

(A proposito duma inundação)

Se o Estado existe, o que é para elle o *Inundado*? É o productor e é o contribuinte. Agricultando o seu campo, criando o cavallo, engordando o boi, cevando o porco, tosquiando a ovelha, pisando a azeitona, podando a cepa, descascando o sobreiro, o *Inundado* desde tempos immemoraveis que não faz mais do que estas duas coisas: produz e paga.

Nós outros, habitantes do Chiado, assinantes de S. Carlos, socios do Gremio e do Club, frequentadores do Martinho e do Passeio Publico, nós, republicanos, regeneradores ou granjolas, comandadores de Cristo e mesarios da confraria das Chagas, nós outros não produzimos e por conseguinte, em rigor, também não pagamos.

Funcionarios publicos, capitalistas, banqueiros, ministros, oradores, poetas liricos, jogadores na bolsa, proprietarios de predios, vendedores de bilhetes de loteria, consumidores insaciaveis de charutos, de copos de cerveja, de dobrada com ervilhas e de bolos de especie — nós, francamente, não produzimos coisa nenhuma que signifique dinheiro, isto é, trabalho cristalizado, obra, ou, por outra, valor. Somos apenas — mais ou menos legitimamente — os usufrutuários, os administradores officiosos ou officiaes do dinheiro dos outros.

Portanto, como acima dissemos, nós outros, como não produzimos, em rigor também não pagamos. Aquillo que alguns supomos pagar é apenas uma parte que se nos deduz naquillo que recebemos. Quem em ultima analise vem a pagar é unica e simplesmente o *Inundado*, queremos dizer o productor, o que planta o trigo, o bacêlo, a oliveira e o sôbro, o que sega a cevada e apanha a bolota, o que carda a ovelha, cria o boi, o cavallo, o porco e o carneiro, o que dá a cortiça, o mel, a cebola, o pão, o vinho, o azeite, o sal, o figo, a amendoa e as laranjas.

E' elle, o *Inundado*, quem até hoje tem pago o subsidio de S. Carlos, as carruagens dos ministros, os cavallos dos correios de secretaria, as purpuras dos nossos reis, as *toilettes* das nossas dansarinas, os penachos do nosso exercito, a campainha e o copo de agua dos nossos parlamentos, finalmente toda a despesa de administração, de pompa, de luxo e de força, cujo conjunto constitue a coisa chamada o Estado.

RAMALHO ORTIGÃO.

(De *As Farpas*.)

O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo, os morticínios, os morticínios, as guerras, as faltas á fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ella é de sangue.

CLEMENCEAU

(antes de comer o queijo do poder)

Para onde vai o imposto?

Em França (nos outros países succede pouco mais ou menos o mesmo), de cada 100 francos que lhe são dados pelo contribuinte, o governo tira primeiro 33 fr. 70 para pagar o juro aos credores da França.

Depois destina 27 fr. 65 aos gastos do exército de terra e mar — e nesta despesa os innumerados interessados não consentem que se toque... São, pois, quasi 62 francos gastos antecipadamente, em cada 100.

Restam 38. Mas para cobrar os impostos, é necessario haver uma nuvem de gafanhotos, perdão! de funcionarios e uma montanha de papelada: nisso gastam-se uns 8 francos.

Assim, de cada 100 francos pagos pelos contribuintes, isto é, pelos trabalhadores, ficam somente 30, para fazer face ás necessidades do comercio e da industria, da instrução, da administração interior, da agricultura, dos varios serviços publicos, etc. E nisto ainda, quantas engrenagens inúteis! quantas funções nocivas! quantos sinecuristas graudos!

Se examinarmos os orçamentos dos outros Estados, chegaremos á mesma conclusão: o mal provém do capitalismo e do Estado, cujos serviços são prestados do modo que se vê...